



Voz Off: Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Instituto Tomie Ohtake apresentam Somos Muitas!, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop & Tech e Unigel.

Renata Araújo: Eu sou Renata Araújo, coordenadora do Programa Somos Muitas! e hoje estou aqui com Priscila Gama, CEO do Das Pretas, Head do Laboratório de Inovação e é considerada uma das mulheres negras mais influentes do país. A estrategista de inteligência em resolutivas de impacto social é um expoente no enfrentamento às violências contra a juventude e às mulheres negras, através da cultura, educação, empreendedorismo e tecnologia. A empreendedora social é ativista, consultora jurídica, especialista em direito público e direitos humanos, mestranda em sociologia política, pesquisadora e movimentadora da economia criativa afrocentrada e periférica, idealizadora e realizadora do “Festival BKDP”.

É com muito prazer que a gente recebe Priscila Gama aqui para o podcast do Somos Muitas! 2022. É um prazer estar com você, te receber de novo, o ano passado Priscila Gama foi uma das orientadoras do Somos Muitas!, este ano ela vem com tudo de novo aqui no nosso podcast para falar com o Brasil, não vai falar nem só com as nossas participantes, vai falar com o Brasil inteiro agora. Priscila, olha, dado o que a gente sabe que o “Festival BKDP Bekoo das Pretas” foi um sucesso mês passado aí no Espírito Santo. Então assim, trazendo esse

sucesso todo que você leva aí, enche um estádio - não é que ela encheu um lugar, ela encheu um estádio, gente, com pessoas, com mulheres, com pessoas pretas, com programação toda pensada na racialidade, com artistas pretos também - ou seja, um projeto que traz em si a difusão da diversidade, das questões raciais de forma intensa e assim potente, com essa potência toda, Priscila, como foi que você se forjou desse jeito, quem é essa mulher atrás do “Festival BKDP”?

Priscila Gama: Ah, primeiro eu queria agradecer a oportunidade de estar com vocês de novo, esse convite é sempre muito feliz, é sempre uma honra estar aqui com vocês. E eu vou ser muito honesta com vocês assim em relação a essa mulher: eu sou uma pessoa que se preocupa muito pouco com a régua alheia, sabe? Eu não sei se pela minha própria construção assim, a gente não pôde ter muito tempo para ficar observando a vida do outro, se medindo pela vida do outro, porque senão a gente perde o foco de construir as nossas próprias histórias e narrativas, o sistema quer acabar com essa construção de futuro. Então confesso que essa história de ficar refletindo sobre quem sou eu, o que me forjou, é uma coisa muito nova, que nunca tive tempo, na verdade, para ficar refletindo sobre, porque precisava refletir sobre o caminho, sobre qual era o melhor caminho, as melhores decisões a serem tomadas para chegar aonde sonhava chegar, onde objetivava chegar. Mas eu acho que a forja de ser e de saber ser uma mulher negra periférica, capixaba, que se relaciona com o seu tempo e é o seu tempo individual e esse tempo coletivo, de ser atravessada pelo que chamo de “Beat da Maré”, respeitar as minhas organizações socioculturais, eu acho que isso é, sem sombra de dúvida, uma parte central de tudo o que faço. E a outra coisa é acreditar mesmo, acredito no meu povo assim, sabe. Especialmente mulheres negras assim. Acredito que a gente não caminha só e acho que o que me forja é querer olhar para o lado e não me ver

só mesmo nos espaços, nos acessos, nas oportunidades e acho que é isso que me move, sabe, não só para o Festival, mas para tudo na minha vida.

Renata Araújo: Muito bom. É assim, eu acho que toda a sua vivência também contribuiu para que você chegasse nesses espaços, nessa conjuntura que reflete não só no Festival, você tem ações e conquistas grandiosas ao longo da sua vida. Acho que é importante você levantá-las aqui, dentre esse caminho de objetivar, quais são essas conquistas, o que você ressalta e o que a gente pode ainda ouvir falar sobre Priscila Gama.

Priscila Gama: Sou empreendedora social assim, eu sou alguém que é motivada por construir futuros no presente e futuros no plural também, porque acho que é isso, o futuro é uma construção plural, não é individual, uma coisa que vai ser definida no individual, no singular, ela já está sendo construída e vai ser definida no plural em várias e várias e várias vezes dessas versões plurais. Enfim, eu sou líder de um Laboratório de Inovação e Tecnologia Social, que é o “Das Pretas”, uma organização que constrói soluções de impacto e transformação social através da tecnologia, educação, arte, cultura, empreendedorismo. E aí, nesse desenvolvimento todo tem o Festival, que é o deleite para a gente de realização mesmo, um sonho construído muito coletivamente e com muitas mãos. Assim foi um palco levantado por pessoas pretas, para pessoas pretas e isso, para a gente, sei lá, às vezes fico tentando refletir sobre esse palco e sobre a honra de poder apresentar aqueles artistas, mas sobretudo a honra de poder apresentar aqueles artistas para aquele público, sabe, aqui desse lugar que é tão conservador. A gente imaginar que estamos fazendo isso enquanto pessoas pretas fora do eixo Rio-São Paulo, fora das facilidades, não é, porque os artistas estão concentrados nesses lugares, então fazer isso aqui tudo é sempre mais caro, a logística é sempre um pouco mais difícil, os patrocínios não chegam na mesma potência, porque a

visibilidade é outra, aí a gente colocar essa quantidade de gente num estádio, sabe, de copa do mundo, numa cidade, numa região metropolitana que é tão tradicionalmente conservadora, eu, honestamente, não vou tentar minimizar a importância disso, nem por mim e nem pela minha equipe, porque a gente fez essa história acontecer e isso é muito mais.

Renata Araújo: É muito bom realizar, acho que um ponto muito importante do que você falou, é sonho coletivo, quando a gente sonha junto com outra pessoa, a realização é maior, sonho que se sonha junto vira realidade. Dentro dessa realidade, Priscila, conta para a gente também, porque a gente fica tão feliz com as conquistas, mas assim acho que é aquele ditado, a pessoa vê as pingas que eu tomo, mas não vê os tombos que eu levo. Acho que é mais ou menos assim, sou péssima com ditado, mas assim o eixo que eu quero chegar aqui é: e os desafios, o que foi, assim fora o conservadorismo da cidade, a inovação da própria ideia do Festival, quais outros desafios você elenca assim de desenvolvimento, que trazem um pouco também esse universo humanístico em relação à equipe, em relação a relações e também técnicos, institucionais, nesse contexto todo que a produção nos coloca dentro de um projeto, na gestão de um projeto?

Priscila Gama: Então, entretenimento é um lugar muito branco e muito masculino. A gente é atravessada por esse sistema sobre o machismo, sexismo e aí, somatizado ao racismo, o tempo todo. E aí, no decorrer do processo, aí a gente tem pouco acesso ao conhecimento, você vê um “Rock in Rio”, um “Lollapalooza”, você tem uma ideia de como é que ele acontece, mas não reconhece os pormenores, porque esses pormenores estão sendo articulados em bolhas e essas bolhas não nos incluem. Então eu acho que o maior desafio do “BKDP” é a gente ir descobrindo necessidades, sejam necessidades de articulação, políticas, necessidades para acontecer, porque a gente está falando

de acontecer numa cidade conservadora, então precisa articular o networking, precisa articular questões legais e contábeis que às vezes não passam pelo nosso radar, existem outras questões de dinâmica mesmo e de conhecimento técnico que ainda são muito exclusividades nessa bolha - nessa bolha de entretenimento que é comandada por pessoas brancas, especialmente homens brancos. Acho que a grande dificuldade para lidar com essas novidades, é descobrir essas novidades com elas acontecendo ali na sua frente. Enfim, isso é uma coisa que a gente pôde focar assim, quantas coisas a gente não tinha ideia - ideia mesmo, sabe - de que eram possíveis acontecer, ou de que eram necessárias ao menos. Então assim, para você ter uma ideia, para a gente fazer, realizar esse evento num estádio, a gente precisa passar por uma comissão de eventos que reúne a cúpula da segurança pública do Estado e do Município onde vai ser realizado o evento, e é uma coisa muito segura mesmo e muito legal que tenha sido feita assim. Foi uma experiência única e que a gente conseguiu construir, por exemplo, planos de segurança para as pessoas chegarem, para as pessoas saírem, para as pessoas permanecerem, então não era só a polícia militar, eram os bombeiros, a polícia civil, a guarda municipal, aí a secretaria, tem uma Secretaria de Decoro aqui na nossa cidade, na nossa região, então está todo mundo ali sentado para conversar e fazer a coisa acontecer. Eu tive acho que, sei lá, três ou quatro reuniões e um grupo de WhatsApp para acompanhar em tempo real a realização dos alinhamentos que a gente tinha batido: você assina um termo - um termo legal - você assume responsabilidades inenarráveis nesse meio termo, nesse meio tempo, que jamais imaginaria que aconteceria e que precisaria acontecer como uma necessidade indispensável para a realização de um evento, entende?! Então assim, a quantidade de documentos formais e de responsabilidade que eu assumi foram coisas, de fato, que depois do evento é que você fala: "Caraca,

olha isso aqui". Ninguém conta isso, porque a gente não tem acesso. Às pessoas que fazem os eventos e que sentam nesses espaços, e que assumem essas responsabilidades de uma forma tão naturalizada, porque já fazem isso nas bolhas, um fazendo com o outro, o primo, o amigo, o irmão e aí eles vão lá ver o jogo de futebol na quarta-feira, tomar uma cerveja entre eles, entre os donos do entretenimento e você não sabe que isso acontece, porque você não está ali com os caras, são muitas novidades e essas novidades é que a gente precisa de muita inteligência emocional para saber lidar, porque dá medo também. E eu acho que a intenção é essa também.

Renata Araújo: E é uma forma de limitar essa inserção no mundo do entretenimento e nessa lógica colonial heteronormativa branca, eurocentrada, e por aí vai.

Priscila Gama: É, tudo é muito caro, tudo é muito limitador. Eu me perguntei muitas vezes se para essas pessoas não-negras, especialmente para os homens brancos na minha cidade era requerido tanta coisa assim, sabe. Inclusive acho que quero acompanhar os próximos eventos, para saber se as pessoas estão tendo as obrigações que tive, sabe.

Renata Araújo: Exato. E assim, por isso que gosto de trazer essa duplinha: conquistas e desafios. Acho que quando você relata aqui minimamente que você foi quase enterrada nas burocracias e que tem todo esse processo desse conhecimento que não é compartilhado, é que se faz importante informações como a nossa do Somos Muitas!, em que aqui a gente está montando rede principalmente de mulheres, de mulheres pretas, LGBTQIAP+, indígenas, fortalecendo essas vozes para que venham outros e outros festivais e que as conquistas sejam múltiplas, que sejam de diversas formas.

Priscila Gama: Completamente.

Renata Araújo: Obrigada por compartilhar com a gente isso. E você assim agora, partindo disso, qual o legado que Priscila Gama pretende deixar nesse universo todo para a gente? Que legado é esse?

Priscila Gama: Eu acho que é uma reflexão sobre as possibilidades e sobre os direitos mesmo, sabe. E quando eu falo sobre os direitos, é o direito da gente poder executar, realizar os nossos sonhos do tamanho que eles são, mas o direito também da cidade e dos territórios de terem as nossas produções na dimensão que a gente sonha, então acho que é essa oportunização, não só do produzir, mas experimentar as produções, sabe, porque acho que isso é de uma disrupção muito importante, é romper com cronogramas que estão estabelecidos, então não é só a Priscila e a equipe preta, maravilhosa dela, sabe, mas aquelas pessoas que estavam ali, negras ou não-negras, bebendo dessa fonte, que é uma fonte diferente, é uma água diferente do que está sendo colocada nos nossos copos há tantos anos. Então fico pensando muito sobre direitos, os direitos da gente produzir e de realizar os nossos sonhos, mas sobretudo o direito do espaço, o direito à cidade, o direito das outras pessoas, o direito do nosso território, de experimentar as nossas produções, sobre os nossos olhares, as vozes e às vezes.

Renata Araújo: É isso, é sobre isso. Agora, Pri, conta para mim, eu fico toda hora só pedindo para você contar para mim e agora vem aquela pergunta, a pergunta do podcast: Somos Muitas!, quem são as muitas que te influenciam, ou te influenciaram até este momento?

Priscila Gama: Eu sou uma mulher negra que produz coisas interseccionais, quando comecei, eu não tinha muitas referências de mulheres negras que faziam o que fazia, inclusive porque estou aqui no Espírito Santo, é um lugar distante, muito embora a gente esteja no Sudeste, a gente é um Brasil

profundo dentro do Sudeste. Os aviões passam por cima. Eu sempre falo que um dos meus sonhos era fazer os aviões pararem, porque a gente via as coisas acontecerem culturalmente, por exemplo, passando de São Paulo para Salvador, de Rio para BH e essas oportunidades não pousavam aqui no meu território. E acho que é de um grande orgulho para mim viver um tempo em que a gente pode se autorreferenciar e auto inspirar enquanto mulheres negras que estão fazendo coisas, que sabem que estão fazendo coisas importantes e que estão fazendo coisas importantes umas ao lado das outras, e referenciando, inspirando umas às outras. Então assim, posso falar que, prioritariamente, sou inspirada por cada uma das pessoas que passou pela minha vida, mas excepcionalmente ao meu time, que me inspira mesmo, me inspira enquanto mulher, enquanto ser humano, uma mulher de um tempo diferente, de vivências diferentes e que aprende, porque acho que esse movimento de ensinar é sobretudo a oportunidade de aprender enquanto ensina. Quem é professora sabe, entende muito o que estou falando, todas as vezes que você compartilha um saber, você re-aprende esse saber em outros vieses, isso é muito, muito, muito importante. E aí tem Vera, que é muito importante para o Somos Muitas!, para a minha vida também, é uma mulher que me inspira em muitas camadas, sobretudo as camadas de humanidade. Acho que a Fernanda Ribeiro, a Naiara Reis, a Adriana, da “Feira Preta”, a Jaqueline, da “Prolatina”, a Marta Carvalho, da “Iyabá”, a Samantha Almeida, que está na Globo, a Thais Duarte, que é uma liderança jovem importante na AMBEV, uma liderança negra jovem importante naquele espaço, que me inspira com essa energia da juventude, essa da esperança. Eu sou felizmente relacionada profissionalmente e afetivamente com uma série de mulheres negras que são imensas assim, sabe. E tenho a sorte e a honra de poder desaguar em meu rio nesse imenso mar onde o rio delas também deságua.

Acho que eu sou inspirada por esse caminho e pela certeza de que a gente vai se encontrar num processo bem decolonial mesmo e de não competitividade assim, sabe, a gente corre junto, a gente vem de lugares diferentes, mas a direção é a mesma, é esse mar aí de diversidade, inclusão e equidades, que não concorre com nada e nem com ninguém.

Renata Araújo: E só nos inspira cada vez mais, podemos ver como essas mulheres também narradas aí, descritas, acho que servem de inspiração, principalmente no que está faltando nos dias de hoje, que é um olhar humanista, um olhar de afeto para tudo o que vocês fazem, o afeto está na frente de tudo, isso só contribui para a sociedade.

A gente já está encerrando aqui a nossa conversa, essa conversa que, com certeza, vai deixar o coração de todo mundo mais quentinho, é muito bom estar aqui com você e para a gente finalizar, antes de se despedir também, queria que você falasse, desse alguma dica para a gente, depois de tudo isso, que dica Priscila Gama deixa para esse Brasil todo que está nos ouvindo?

Priscila Gama: Ah, olha, eu quero agradecer, de novo, a oportunidade. Estou muito feliz de estar aqui e acho que a minha dica é: respira, a gente precisa aprender a respirar, para qualquer decisão a respiração é a melhor aliada, sabe. Respira, até a gente acalantar e encontrar as melhores saídas, é tentar ser um pouco menos imediatista e um pouco mais nos permitir o deleite da respiração, ela é uma grande ferramenta para as estratégias que a gente cria e as que a gente executa. Pouco se fala sobre o processo criativo que é a produção cultural, e é um processo criativo, a gente precisa “criativizar”, organizar, planejar, executar, e desproduzir isso. E isso é um processo criativo, de ideação e que requer uma estratégia, por isso o convite para todas essas produtoras é a

gente usar a respiração para encontrar os melhores caminhos, para a estratégia de realizar as nossas coisas.

Renata Araújo: Grande dica. Vou usar. Temos que usar. É respirar, respirar fundo e agradecer mais uma vez a todos vocês que curtiram o nosso podcast, que são oito episódios com pessoas incríveis, mulheres maravilhosas e o Ricardo Ohtake, também contribuindo um pouco com o legado da mãe dele. Ouçam os nossos episódios, acompanhem as nossas redes. E é isso, muito obrigada e até o próximo episódio.

Voz off: Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Instituto Tomie Ohtake apresentaram Somos Muitas!, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop Tech e Unigel.